

RESUMO

Este trabalho estuda a construção artística a partir do recordar as memórias de infância, no processo criativo para o desenvolvimento de *Domingo*, desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba União da Ilha do Governador, para o carnaval de 1977, de Maria Augusta Rodrigues (Rio de Janeiro, 1942). Carnavalesca, artista visual, cenógrafa, professora EBA/UFRJ e intelectual da cultura popular. O pressuposto de nossa investigação é a de que a memória afetiva da artista anula as distâncias temporais entre o passado e o presente, em um processo de construção de elementos autobiográficos reelaborados a partir de recordações de infância, através da utilização de símbolos e elementos ordinários do nosso cotidiano, empregados na concepção e execução do desfile. De forma que possibilitam refletir sobre os mecanismos da prática artística contemporânea.

Palavras-chave: Maria Augusta Rodrigues, recordações, infância, cotidiano, ordinário.

The ordinary Sunday in the imagination of Maria Augusta Rodrigues

ABSTRACT

This work studies artistic construction based on remembering childhood memories, in the creative process for the development of *Domingo*, parade of the Grêmio Recreativo Escola de Samba União da Ilha do Governador, for the 1977 carnival, by Maria Augusta Rodrigues (Rio de Janeiro, 1942). Carnival artist, visual artist, set designer, EBA/UFRJ professor and popular culture intellectual. The assumption of our investigation is that the artist's affective memory cancels out the temporal distances between the past and the present, in a process of constructing autobiographical elements reworked from childhood memories, through the use of symbols and ordinary elements of the our daily lives, used in the conception and execution of the parade. In a way that makes it possible to reflect on the mechanisms of contemporary artistic practice.

Keywords: Maria Augusta Rodrigues, memories, childhood, everyday life, ordinary.

Introdução

O presente trabalho, surge como um desdobramento do projeto de pesquisa de minha dissertação de mestrado, no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – PPGAV do Instituto de Artes/IA. Área de concentração: História, Teoria e Crítica (HTC), na linha de pesquisa: História e teoria dos processos artísticos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Intitulada “Entre Orum e Ayê: Cores, Símbolos e Sonhos de Maria Augusta Rodrigues”, a dissertação de mestrado busca, através da trajetória artística e criativa da carnavalesca Maria Augusta Rodrigues, mostrar que é possível relacionar o carnaval com as manifestações do inconsciente, como as lembranças e recordações da infância. E a partir da sua obra proposta pretende-se reunir os fragmentos responsáveis pela criação visual dos desfiles da artista.

A pesquisa de dissertação de mestrado pretende analisar os diálogos com os sonhos e suas mensagens com a astrologia, com os signos da infância, com o Candomblé, com o místico e as suas cores, evidentes na obra da carnavalesca e propõem reflexões sobre a arte produzida pelo carnaval, o alcance e

¹ Mestrando em Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – PPGAV, do Instituto de Arte – IA, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Área de concentração: História, Teoria e Crítica. Linha de pesquisa: História e teoria dos processos artísticos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/675222050531493>. E-mail: ramongadenz@hotmail.com

influência das poéticas artísticas de Maria Augusta dentro da própria festa.

O presente trabalho, *O Ordinário Domingo no Imaginário de Maria Augusta Rodrigues*, foi desenvolvido através de entrevistas com a artista, leitura e revisão bibliográfica com base nos autores citados durante o seu desenvolvimento. E traz relevante contribuição para a minha pesquisa, para a arte e a cultura brasileira.

O diálogo entre as artes visuais e o Carnaval tem sido um dos mais potentes fatores da quebra da grande divisão entre arte erudita e arte popular. O responsável pelo início desse processo no carnaval brasileiro foi o cenógrafo e professor da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Fernando Pamplona (1923-2013). Foi pelas mãos dele que grupos de estudantes e professores dos cursos da EBA ocuparam os barracões das escolas de samba, para desenvolver enredos, criando alegorias, adereços e fantasias, (LACERDA, 2018). Um desses grupos já contava com Maria Augusta Rodrigues em sua formação, sendo de sua autoria o antológico enredo *Festa para um rei negro*, do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, para o Carnaval de 1971 (MELO, 2020).

Maria Augusta não representa somente a transição da fase romântica dos desfiles das escolas de samba para a fase da espetacularização (*Festa Para Um Rei Negro* – 1971). Como seis anos depois (1977), quando as escolas ainda escolhiam fatos históricos por acreditar que eles davam grandeza ao desfile, ela seria a carnavalesca que daria início aos desfiles de enredos com a temática abstrata e do cotidiano como: um dia da semana e a infância (*Domingo* – 1977 e *Uni-Duni-Tê, a Beija-Flor Escolheu: é você* - 1993), a curiosidade sobre o futuro (*O Amanhã* – 1978 e *É a Sorte* - 1980), sentimentos (*Alegria* – 1982 e *Vamos Falar de Amor* – 1983). Tanto que houve quem estranhasse o enredo sobre um dia da semana. É a partir de *Domingo*, que Augusta vai apropriar-se e fazer o desdobramento em suas produções das temáticas do cotidiano, da curiosidade humana, do inconsciente, e das memórias e lembranças afetivas iniciando o que podemos chamar de temas abstratos (GONÇALVES, 2023).

Figura 1 – A artista Maria Augusta Rodrigues.



Fonte: Jornal O Globo. Foto de: Antonio Scorza (2015).

Maria Augusta ficará conhecida como a mestra das cores, tanto que uma das cadeiras que passa a lecionar como titular na EBA é a cadeira de Teoria da cor. Criou o estilo: *Bom, bonito e barato*, ao trazer

temáticas cotidianas materializadas em fantasias leves, concebidas através de materiais alternativos, usando paleta de cores fortes e alegres, característica a qual batizou de o “luxo da cor”. Cores que se revelam místicas, traduzindo a curiosidade humana sobre o futuro. Com uma propriedade visual, de símbolos cotidianos que se comunicam com o cosmos e a infância, criou uma unidade cromática e de bela visualidade, hábil narrativa de afeto e astral. (ANTAN, 2020).

O Domingo da pequena Maria Augusta

É importante para compreendermos a construção das poéticas visuais da artista, em especial na criação de *Domingo*, voltarmos à primeira infância de Maria Augusta Rodrigues vivida em São João da Barra, interior do estado do Rio de Janeiro.

Quando criança, Maria Augusta ia com a mãe a todas as festas populares da região. Sua paixão pelo carnaval vem daí: era o carnaval da poeira subindo, com boi pintado dançando na rua, desfile de rancho, desfile de caboclo, bailes de clube. Tudo muito colorido - uma das características mais marcantes de sua carreira. O carnaval é a essência de sua vida (RODRIGUES, 2024).

Quando chegou ao Rio de Janeiro, ela foi estudar no internato do Colégio Bennett. Os domingos eram dias de alegria, a pequena Augusta aproveitava a folga para ir à casa dos seus avós, na Rua Almirante Tamandaré, no Flamengo, onde a artista vive até hoje, relata a artista em depoimento para Marcelo de Mello no livro: *Por que perdeu?: Dez desfiles derrotados que fizeram história*.

[...] De início, fui criada num engenho de açúcar e tinha uma vida muito livre, tomando banho de rio e montando cavalo sem sela. Depois passei a uma rotina muito regrada no colégio interno. Se o domingo era um dia de exceção para todo mundo, para as internas, o contraste com os outros dias da semana era maior ainda. Mas não agi de caso pensado. Fiz essa reflexão depois [...] (MELLO, 2018 p.38).

Os retalhos da infância, na lembrança da mulher Maria Augusta

A infância, que parecia tão distante em 1976 (ano do desenvolvimento de *Domingo*), para uma mulher de 36 anos e do suposto amadurecimento da vida adulta aproximou-se do presente de Maria Augusta e, repentinamente, familiarizou-se com ela no instante em que provavelmente um odor, um som ou um sabor manifestou-se em seu aparato sensorial. A memória se apossou do poder criativo de Augusta tal como Merleau-Ponty em *a Prosa do Mundo* (2002) e na *Fenomenologia da Percepção* (1996) concebe a linguagem, isto é, como um conjunto de signos que nos possui e não nós a ele, de modo que pensamos debruçados e de forma imanente nas próprias palavras sem que haja um ato prévio de nossa consciência para pensar ou dizê-las. Nosso pensamento se manifesta em e com palavras, jamais antes ou depois delas, (RAMIREZ, 2011).

A memória afetiva e as recordações de infância realizaram no processo criativo de Maria Augusta percurso correspondente, como nos traz Paulo Ricardo Ramirez em seu estudo: *A memória e a infância em Marcel Proust e Walter Benjamin*.

[...] pois não se trata de um resgate voluntário do passado, senão um passado que se apossa involuntariamente de nosso presente e de nossos atos. Se a condição do homem é estar condenado à linguagem sem que saibamos qual a sua origem e o que rege o mistério que permite a compreensão dos signos e da comunicabilidade com o outro, ele se torna válido

à memória, a qual adquire vida própria, ao passo que vive em nós e em nossa relação histórica com os outros, surgem significados e interditos construídos pela vida em sociedade [...] (RAMIREZ, 2011 p.120)

Os locais, as edificações e os ambientes em que Maria Augusta brincava e os passeios fora do internato deram início à descoberta do mundo, as ruas as quais o contato com estranhos e com a cidade originou-se, e os míticos encantos que a paisagem que une natureza e cultura, meio urbano e resquícios de vida rural possuem um enredo que imobiliza toda a história de uma vida numa fração de segundos ou no fluxo narrativo, e é isto que permite a um só golpe narrar o presente e o passado, sem que seja possível distingui-los. Guiado pelas paisagens e a memória, o sujeito torna-se coadjuvante frente às lembranças das sensações, decisivas mesmo que de maneira inconsciente, na criação de *Domingo*.

Os veleiros que passeiam pelo mar, as pipas que vão bailando pelo ar, objetos dentro das gavetas de armários por onde as mãos da criança Augusta, realizavam investigações sobre a sua estrutura um tanto peculiar, e as ruelas que levam ao cair da noite, em boates ou gafieiras são as paisagens da transição da infância à vida adulta em Maria Augusta. Sem começo, meio e fim, a narrativa de *Domingo* é uma espiral que transpõe o passado e o presente a um novo patamar. O despertar de Augusta remete não apenas ao inacabamento do passado. Há um corpo pensante que reconhece o mundo por meio das experiências sensíveis. As memórias afetivas adquirem vida própria e se tornam os narradores das lembranças da criança.

Ao chegarmos a esse aspecto da criação de Maria Augusta, podemos lembrar os apontamentos de Levi Semyovich Vygotsky, em que no livro "A Formação Social da Mente, O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores" (2007), nos traz importantes ensinamentos sobre a relação entre pensamento e linguagem, símbolos e desenvolvimento mental ainda na infância. E a linguagem atua para modificar o desenvolvimento e a estrutura das funções psicológicas superiores, tanto quanto os instrumentos criados pelos homens modificam as formas humanas de vida, dessa maneira a visão de infância de Augusta vai modificar o seu modo de criação para o fazer do carnaval da União da Ilha em 1977, onde as memórias afetivas é que irão apontar os materiais a serem utilizados na execução do espetáculo.

Ao analisarmos as recordações da infância e referências históricas e culturais e do ambiente em que a artista esteve inserida, as quais irão originar as lembranças ou memórias afetivas que a influenciaram, direta ou indiretamente, no desenvolvimento do processo de pesquisa do desfile, vamos constatando que são cores, cheiros, imagens, histórias e sons a produzir visualidades de um dia de "Domingo", onde a passarada conta delirantes fábulas, sob o céu colorido pelo Sol.

E vamos compreendendo que a presença das memórias afetivas no processo criativo da artista, na pesquisa, criação e concepção de seu desfile é aceitação da existência de uma herança de sentimentos estéticos, que foram herdadas de gerações anteriores, e nos traz a capacidade de respostas a objeções que poderiam ser levantadas, contrapondo o conceito dinâmico dos sentimentos estéticos possibilitadores da criação (EHRENZWEIG, 1977). São cores, tonalidades, sons os quais possuem natureza íntima psicológica com o inconsciente, uma vez aceita a existência de uma herança de sentimentos estéticos que herdamos de gerações anteriores, tais heranças se acumulam de maneiras relevantes através de formas estéticas, usadas para encobrir o movimento do inconsciente (EHRENZWEIG, 1977). É o passado que vai tomando conta do presente através dessas mensagens do inconsciente despertadas através dos sentidos, transformando suas poéticas em criações atemporais.

Figuras originárias da infância, das histórias do pai e da mãe, no caso de Augusta em que sua mãe era folclorista e companheira nas andanças de criança pelas manifestações folclóricas e popular do interior

do Rio de Janeiro, onde a família residia, essas figuras são transformadas em referências de linguagens primeiras, e serão perpetuantes, tanto no discurso do outro, quanto das opções de subjetividade no decorrer de seus percursos, históricos, sociais ou poéticos. Dessa maneira a memória compartilhada ou supostamente compartilhada: a memória familiar e genealógica, as experiências sociais, ao mesmo tempo em que modelaria a fruição artística de Maria Augusta, também poderia estar sendo por ela modelada, de maneira a formar o eixo criativo da artista na concepção e execução de *Domingo*.

Vem amor vem à janela ver o sol nascer em ordinários materiais para dar vida ao desfile de Domingo

No antológico desfile de 1977 o carro abre-alas (fig.2), assim como os raios solares que invadiam a avenida naquela manhã, era um convite ao público para descer da arquibancada, como quem abre a janela ao amanhecer de um domingo, a contemplar o sol nascer. Igual o sol a convidar a criança a descobrir as belezas de um dia de domingo, do lado de fora do internato. Feliz imagem da sensação da plateia, já que as primeiras alas entraram na avenida Presidente Vargas, no Centro do Rio, justamente quando amanhecia na segunda-feira, 21 de fevereiro de 1977.

Figura 2 – Carro abre-alas: O Sol.



Fonte: Agência O Globo. Foto de Paulo Moreira (1977).

Os palhaços, banhistas e jogadores de futebol eram simples como o cotidiano, mas, ao mesmo tempo, enchiam os olhos pelo colorido (fig.3). Poucas vezes uma escola de samba passou envolvida em tanto lirismo. *Domingo* nasceu de uma experiência pessoal. São aquarelas, nanquins e pincéis a conduzir o fio da história, por entre as folhas brancas, que matizam cores da infância a desabrochar nas tardes de domingo na casa de seus avós.

Figura 3 – Aspecto do desfile da União da Ilha do Governador, no desfile de 1977: Domingo.



Fonte: Carnavalize. Agência O Globo. Fotos de Paulo Moreira (1977).

Para pincelar o amanhecer daquele desfile; o azul, o vermelho e o branco que são as três cores da União da Ilha eram muito pouco para quem cresceu no Norte Fluminense, vendo caboclinhos, ranchos, mascarados, corsos e blocos que usavam todos os tons possíveis. Um colorido exuberante que formou a artista: “Esse universo de carnaval popular é a minha base estética. Não fui educada com plumas e paetês”, diz ela (fig.4).

Figura 4 – Comparação de Domingo, de Maria Augusta com Vovó e o rei da saturnália na corte egípciana, de João Trinta, Beija-Flor 1977.



Fonte: Carnavalize. Agência O Globo. Fotos de Paulo Moreira (1977).

A mistura causou um efeito que ela chama de “o luxo da cor” (MELLO, 2018) capaz de excitar o olhar da mesma forma que o brilho. Só que com custo menor e o cuidado para que o conjunto não parecesse um borrão, como os primeiros desenhos de uma criança com lápis de cera. Maria Augusta não era uma principiante, ou romântica nostálgica com os desfiles do passado.

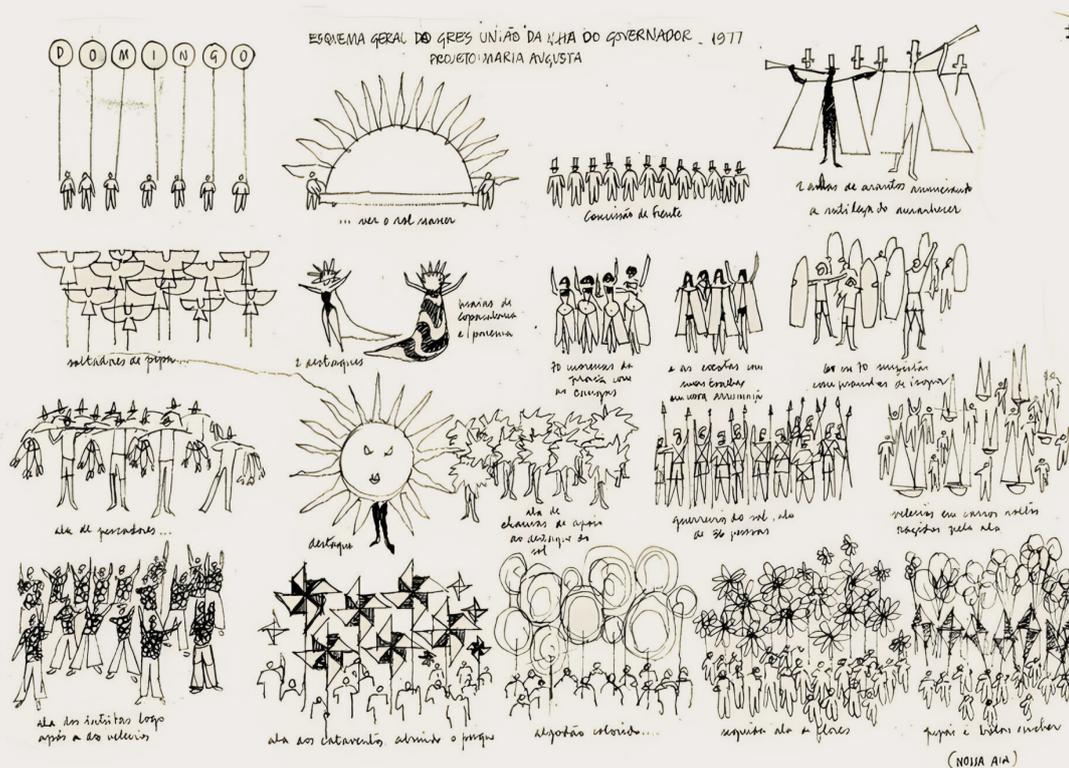
E assim através de sua sensibilidade na lembrança de suas memórias afetivas resultando na captação

de um apuro estético aguçado, e através da experiência obtida nos tempos da Escola de Belas Artes da UFRJ, sob a batuta de Fernando Pamplona, a ideia era causar impacto visual não só com o vermelho, o azul e o branco da União, mas também com o amarelo, o verde, o laranja etc. Conquistou assim mais confiança da diretoria e se sentiu segura para, finalmente, usar quantas cores quisesse em 1977.

Não só pelo estilo pessoal, mas também pelo enredo, já que o sol, a praia, o circo, o parque de diversões e os times de futebol não teriam a menor graça se só pudessem ser tingidos de vermelho, azul e branco. Era a chance de Maria Augusta mostrar a sua cara. “Acho que foi em ‘Domingo’ que meu estilo aflorou”, conta. Ela e a escola eram duas desconhecidas do grande público em busca de afirmação.

Empregando, materiais ordinários, triviais e presentes no dia a dia da população, em alegorias, adereços e indumentárias, resultando na fácil leitura e identificação das grandes massas, com signos de seu cotidiano, durante a passagem da União da Ilha do Governador, Maria Augusta naquela manhã dessacralizava a arte, fazendo com que a linguagem artística por ela utilizada se comunicasse de maneira quase que simplória com o público e transformando o desfile das escolas de samba em sagrado para o povo, e para si mesma (fig.5).

Figura 5 – Projeto visual de Domingo, Maria Augusta Rodrigues. 1977



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Augusta Rodrigues (1976).

Nicolas Bourriaud, em “Estética Relacional” (2009), nos dá subsídios para a compreensão ou identificação da estética relacional, na produção de Maria Augusta, quando na identificação do público e desfilantes com a sua produção ao promover o diálogo com o outro, e as potencialidades do cotidiano e do ordinário, produzindo ou reproduzindo acontecimentos do dia a dia em seus desfiles.

E boas ideias oriundas do ordinário não custavam nada, ou quase nada. Galhos de árvores retirados da orla da Ilha do Governador viraram ornamento na ala das banhistas. Lembavam as palmeiras nas praias. Uma turma da escola arrancou-os poucas horas antes do desfile, para evitar que murchassem e

comprometessem o visual, e as garotas insulanas a caminho do mar ficaram cheias de graça, com chapéu, biquíni e canga. Também foi trabalhoso transformar galho de árvore em adereço de mão, pegar barco emprestado com a Marinha e alugar motor de carrossel de mafuá para dar movimento à alegoria. O estudo das cores feito por Maria Augusta, para chegar aos melhores tons e combinações, resultou em um colorido insinuante, mas nada confuso(fig.6).

Figura 6 – Ala dos palhaços.



Fonte: Agência O Globo. Foto de Paulo Moreira (1977).

O país vivia sob o jugo dos militares, mas um deles, da diretoria da escola, usou seus poderes para o bem da União. Conseguiu emprestado com a Marinha embarcações que a carnavalesca decorou para virarem os “veleiros que passeiam pelo mar” cantados na avenida. Duas vezes, porque a primeira ornamentação caiu e teve que ser recolocada. Da Aeronáutica veio a base do carro onde foi instalado o motor do carrossel do parque de diversões. A escola aproveitou chassis de veículos usados na pista do vizinho Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro. Uma solução caseira, assim como os barcos vindos de uma unidade militar, perto da Ilha.

O domingo era mais domingo em 1977. Loja aberta era menos comum, quase heresia no dia sagrado. Hoje os shoppings ficam cheios. Maria Augusta não poderia imaginar a cena na sua infância, quando torcia para chegar o fim de semana porque aí saíria do colégio interno e ficaria com a família:

E como ninguém torce por domingo chuvoso, deu praia na Ilha. O abre-alas foi o sol. Uma das alas mais fotografadas trazia pranchas de isopor como alegorias de mão. Elas estavam enfeitadas com tiras de pano. Da mesma forma, mais de uma ala veio com multicoloridas saídas de praia. E os uniformes de futebol tinham aplicações de brilho.

Era fundamental enfeitar as roupas do cotidiano para que elas ganhassem aspecto carnavalesco. Caso contrário, nem poderiam ser chamadas de fantasias, sem as quais a festa não faz sentido. Desenvolvendo uma relação em que as práticas culturais cotidianas abordam um consumo cultural, pensado como dimensão criadora e inventiva (CERTEAU,1998).

Considerações Finais

Estas correlações de lugares e sensações não estão isoladas no passado. São o deslocamento da infância à vida adulta e a dissolução da vida adulta na infância, para a compreensão ou identificação da estética relacional, na produção de Maria Augusta, no diálogo com o outro, e as potencialidades do cotidiano e do ordinário, produzindo acontecimentos em seus desfiles, através das recordações da infância e experiências de vida, explícitos no seu projeto visual e desenvolvimento dele, reconstruindo memórias do passado tornando-as em algo novo, como um desfile de Escola de Samba que irá acontecer.

A infância descrita pelos autores visitados para esse artigo é o canteiro de obras sobre o qual fragmentos, cacos e retalhos da infância estruturam a criação artística, neste caso em específico de *Domingo*. E a infância, longe de sucumbir no passado, ressurgiu vivaz e potente no presente. Materializando-se em fantasias e alegorias concebidas e confeccionadas com materiais ordinários do dia a dia, de fácil identificação e presentes na memória afetiva de Maria Augusta e do público espectador do desfile, tanto naquela manhã de domingo de fevereiro de 1977, quanto nas manhãs de domingo das décadas de 1940, 1950 até as manhãs de domingo da década de 2020.

Essas recordações invadem a vida adulta para fazer dela uma nova história, ressignificando: sons, aromas e sabores. E assim, o passado infantil fundamenta uma herança que percorre toda a vida do indivíduo. Aproximando o passado, presente e futuro no céu aberto da história em que nada é definitivo, tornando a memória involuntária (e o passado) efêmera e inacabada, carente por uma nova reconstrução, (RAMIREZ, 2011). Como ocorreu em *Domingo*, que involuntariamente irá ser reconstruído, em *Uni-Duni-Tê, a Beija-Flor Escolheu: é você*, desfile assinado por Maria Augusta para o desfile de carnaval de 1993, do G.R.E.S Beija-Flor de Nilópolis.

REFERÊNCIAS

- ANTAN, Leonardo et al. **Sal60: Maria Augusta Rodrigues: uma artista guiada pelos astros**. Rio de Janeiro: Selo Carnavalize, 2020.
- BENJAMIN, Walter. **A imagem de PROUST e teses sobre o conceito de História**. In: Obras escolhidas I. São Paulo, Brasiliense 1986.
- BOURRIAUD, N. **Estética relacional**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano - artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- EHRENZWEIG, Anton. **A psicanálise da percepção artística - uma introdução à teoria da percepção inconsciente**. Tradução: Irley Franco. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- GONÇALVES, Eduardo. Cartografias de Augusta. In: **Exposição cartografias de Augusta**. SESC Madureira, Rio de Janeiro, set. 2023. Texto curatorial.
- LACERDA, Lícia. Decoração carnavalesca e a presença da Escola de Belas Artes. In: **Exposição coletiva; O rio do samba: resistência e reinvenção**. Museu de Arte do Rio, 2018, Rio de Janeiro. Texto.
- MELLO, Marcelo de. **Por que perdeu?: Dez desfiles derrotados que fizeram história**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- MELO, Vitor et al. **Sal60: O inexorável legado magnético Fernando Pamplona**. Rio de Janeiro, Selo Carnavalize, 2020.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

..... **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RAMIREZ, Paulo Ricardo. A memória e a infância em Marcel Proust e Walter Benjamin. **In: Revista Aurora**, nº10: 2011. Disponível em: www.pucsp.br/revistaurora. Visitado em 08/08/2018.

RODRIGUES, Maria Augusta. **Entrevista concedida** a Ramon Gadenz da Silva. Passo Fundo, RS. 14 out. 2024.